

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

A Morte do auctor do „Bacalhôa.”

Um fidalgo decaído—A literatura desmoralisadora—Psicologia dum fim de raça—A volta de Sidento na lenda—Um derradeiro alardo?

Entre as figuras da Lisboa destrambelhada D. Antonio de Albuquerque a quem chamavam o *Bacalhôa*—como a um dos seus maiores, por feito de mais honra, é certo, alcunharam de *Alfangeiro*—passava entre a irritação duns, o desprezo dos outros e a curiosidade de varios. Quasi viveu sem amigos este grande fidalgo, senhor de tantos apelidos heraldicos como um principe e que mal podia com eles como um autentico carrêão de responsabilidades de seculos, vergado por tanta nobreza ou como se lhe vestissem a armadura dos avoengos. Era filho do fidalgo da Casa dos Arcos, de Vizeu, sobrinho do dono da Casa das Obras, de Ceia, chamava-se D. Antonio de Albuquerque do Alardo de Amaral Cardoso e como todos daquele apelido, que evoca o alardear da pompa real ou do caudel-mór, passando sua revista às mesnadas, entre coutos de lanças erguidas, ele devia descender desse gigantesco D. Alardo que, arribado a Lisboa na ida para a Terra Santa, se puzera a pelear no reino, de braço esforçado e montante rijo, a ajudar D. Afonso Henriques no talhar duma patria e a ganhar mais honras para o seu brazão: em campo vermelho um crescente de prata em pala, entre tres flôres de liz em roquete e por timbre meio leão de prata, armado em coleira guarnecida douro e uma flôr de liz do mesmo metal na garra direita.

Outro ancestro desse decadente aristocrata ao qual nas tertulias literarias alcunhavamos, ante o seu riso sceptico, de «rebento pôdre duma raça extincta» figurava D. Fernando Afonso, neto de Afonso Sanches, filho natural de D. Diniz, ramo donde veem os Mousinho, um dos quais, o heroico Joaquim, primo da figura que trato, o qual devia aparecer falsi-

ficado, num papel, feito de mentira e de odio, na obra *O Marquez da Bacalhôa*, que gerou a alcunha do seu auctor nobre pelo sangue. mas empobrecido no character, tendo sido perturbado em sua gestação por centenas de casamentos consaguineos desde o fundo dos seculos.

Não faltam, pois, titulos de fidalguia na sua gente; primo de toda a grande nobresa de Portugal, descendente dos que criaram o reino, bem aliado em Hespanha, todo desvanecido do seu parentesco com duques castelhanos, ele viveu como uma singular personagem nesta cidade que criou retumbancias á volta de seu nome mas claramente o repeliu depois de o celebrar.

Magro, alcachinado levemente, apoquentado pelo reumatico, num passo tardo, o filho do fidalgo do Arco, tinha os olhos glaucos como afogados numa bruma, os cabelos dum loiro forte, quente, que mal branquearam, apesar dos seus cincoenta e muitos anos, e na sua mão distincta, onde quando não havia apertos de dinheiro, brilhava um anel de armas, é que se marcava a raça donde vinha, desflorida num prodigo — o pai — que se arruinara a emprestar dinheiro aos caseiros para jogarem contra ele, nas longas noites provincianas, e presenteava os viandantes sequiosos com o direito de beberem, na portada de sua propriedade, vinho branco ou tinto que eles proprios deviam tirar das pipas colocadas nos humbrais como uma oferta permanente de nababo á rua. Sem viajar, metido na vitória, á beira de jardins, em Ceia, o tio empobrecera a cultivar camelias das mais lindas de Portugal, cujos troncos ainda lá se veem desprezados pelo burguez que comprou o magnifico edificio chancelado pelo seculo XVIII.

Realmente «reberto pôdre duma raça extinta», esse Antonio d'Albuquerque, no meio dos seus desequilibrios e tormentos de dinheiro, faltas de pudor, imoralidades, guardava, como se fossem garreadas em seu ser pelos avós, tendencias largas de luxo, delicadezas e finuras, ansiedades de deslumbrar e numa fantasia de mentiroso extranho, levado por alguma perturbação inexplicavel, alardeava, é o termo bem de sua ancestralidade d'Alardo, cousas impossiveis, aventuras galantes com rumores genealogicos em que ele era o heroi não por sua nobreza, pois só falava dela com desdem nestes momentos mas por seus talentos de escritor que julgava superiores, enormes, raros, sobretudo depois do exito estrondoso dessa infamia escripta que se chamou o *Marquez da Bacalhôa* e que nasceu duma vingança da qual só seria capaz a mente estonteada dum derrocado de alma, dum singular produto de imensas e sucessivas taras.

Por vezes arvorava generosidades, marcava impetos de valentia, assomos de bravura, logo esmorecidos, como se representasse uma personagem da sua imaginação ou antes como se viesse à superficie em seu animo um ou outro fantasma de seu sangue, em breve sumido, a desamparar o neto, a empurra-lo para o mergulho na lama, no monturo donde alteava ainda a cabeça como se fivesse o pensamento numa celestial beleza e os pés bem atascados no pantano.

Casára-se e arruinára-se, lançára-se num estonteamento, gosára per-versões á sua volta, fizéra tudo para arranjar dinheiro, a fim de manter uma pompa que a seu feitio agradava; tomava seus titulos de Espanha, quando ganhava naquelas partidas, como para valorisar mais o que cedía aos outros, anavalhando a propria honra. Quando decaía, estava sem dinheiro, se via abandonado, sem poder entontecer-se nos seus queridos prazeres — o jogo, os jantares finos, o luxo — então, esse grande

fidalgo corrupto, dizia-se anarquista, imaginava-se um Kropotkine e todos os males da sua vida, os frutos do seu desequilíbrio e da sua anormalidade, imputava-os ao mundo, á porca da sociedade, que deixava nã má vida pessoa da sua estirpe.

Nas horas da sua felicidade — a do dinheiro — quasi sempre fugia dos amigos; recolhia-se em mulheres tratadas em gentilezas de príncipe, larguezas de milionario e caricias de pervertido para nos momentos de desalento — os da penuria — aparecer, servindo-se, então, das conquistadas para seus fins, querendo-lhes sempre como as indispensaveis alegrias mesmo quando baixavam ás protervias, que eram desventuras, ás quais emprestava côres romanticas, sorrindo scepticamente, encolhendo os hombros, desdenhando desse lôdo social onde a sua nobreza não perderia — afirmava-o — o fulgor.

Num livro, *O Escandalo*, contava com a maxima semcerimonia, a historia duma senhora da sua familia e vinha atirar os nomes para as mesas do *Leão d'Ouro* ou do *Martinho* antigo, onde o ouviamos pasmados no nosso sentir honesto. Fialho d'Almeida olhava-o como a uma personagem a desenhar num livro, Gualdino repelia-o, Manuel Penteado rebuscava-lhe no amago as surpresas e com o seu olhar muito claro, contraste da sua voz muito rouca, achava-o um belo caso patologico que Abel Botelho devia tratar. O romancista, ao começar a profundar, desistira. D. João da Camara, sempre tão bom, encobria-se para o deixar passar, mas falava-lhe, quando ele se acercava, no mesmo tom doce usado para os amigos. No fundo desculpava-o. Marcelino Mesquita inculpava-lhe de mais as obras do que a amoralidade e nós — Amadeu de Freitas, Jorge Santos, João Gouveia, Santos Tavares, Manuel Cardia, Manuel das Neves, o Xaviersinho, Afonso Gayo e eu — viviamos naquela roda já habituados ás cousas infectas do Albuquerque e aos seus rasgos, por vezes de bom cunho, embora fugazes. Chamavamos-lhe *O Lendea*, por sua côr desmaiada, sua pegajosidade com femeas, num instinto, num acaso, por esse não sei quê, possuido como um dom pelo português, de pôr boas alcunhas.

D. Antonio de Albuquerque — julgo que por mercê dos Taroucas, seus parentes — recebera o diploma de adido da legação no Rio de Janeiro, onde andava tratando de se casar com rica senhora, deslumbrada com seus titulos, mais do que com suas prendas fisicas e morais, quando João Franco, naquele arranco do periodo das economias, o demitiu, o obrigou a regressar. Nasceu daqui, deste córte na pecunia do autor do *Escandalo*, o livro tão celebrado e que ele intitidou *O Marquez da Bacalhôa*. Era uma novela insultuosa, na qual, sob este nome, a propriedade rial de Setubal, onde vivera outrô Albuquerque — o grande Afonso da India — se tratava de El-Rei D. Carlos, se mergulhava nos mais infames desvarios a mais honesta das senhoras — a Rainha — e se atribuia a uma inconcebivel ignominia, a morte de Mousinho, embora sob nomes supostos.

Estava-se num periodo agitado e o livro fez a carreira dum panfleto de descredito como os romancecos anonicos, do tempo da revolução franceza, contra Maria Antonietta, a *Austriaca*. Os que aproveitavam essa serie de infamias sem nome, vinham dizer nos que se enojavam do seu autor, e eu só, entre tantos dos seus antigos camaradas da boemia literaria, tive a Caridade de lhe mostrar a cloaca para onde vomitava o seu nome, isto sem colera, docemente, numa amargura, á mesa dum café,

recondito da Mouraria, para onde o arrastara numa noite de luar. Não fiquei de mal com ele; sempre o tomei como era mas não mais o tive em minha intimidade. Os outros, repeliam-no, mal lhe falavam quando, proclamada a republica, esse livro, que fôra uma das armas poderosas da propaganda, esquecera. O desgraçado, ante o que eu lhe dizia, bradava-me tonto, deslumbrado, os olhos glaucos a esgarçarem-se.

—E' a gloria! E' a gloria!... E' a consagração... Nem o Fialho...

O que ha é inveja...

—O' homem... E' um successo de escandalo, mais nada...

E' a gloria! E' a gloria! repetia e mandava vir mais aguardente.

Depois encontrei o desiludido da republica, tinham-no posto á margem e mergulhava, então, nos meios libertarios de Alcantara e de Belem, de onde me trazia palavras de velhos que eu conhecera moços, quando era menino, e já, romanticamente, desejava conjuras. Eles não o amavam tambem; ás vezes topava um ou outro e ouvia-lhes os dizeres. Era um degenerado—afirmavam com a grande copia de erudição de ouvido dos meios baixos anarquistas—; outros, aqueles com quem mais de perto vivo, confessavam-me até, como se fossem burguezes pudibundos, sentirem-se horrorisados ante o que viam faser. Assim, trambulhando da nobreza entre desapegos, para a burguezia donde saíria ante repelencias, caíra no povo onde não o atendiam, embora falasse sempre do seu extremismo rolando, agora, já no declinar, os seus grandes apellidos.

Mudara muito de fisico, emagrecera; o moral baixava mais ainda porque mesmo esses arrancos antigos de quando, para se defender dum grupo de faias, no *Miguel das Lapidés*, pegara num banco e o debandara, lhe falhavam. Publicara um livro inferior «*Sidonio na Lenda*». Atirara-o, com a sua ansia de reclamo, com o desejo de dar que falar de si, fosse como fosse e porque fosse, mas não tomara a atitude superior e o rompante dos tempos do *Bacalhóa* em que a turba rugia. Como alguns homens do povo, dedicadissimos ao Presidente assassinado, pretendessem tirar um desforço pelo que escrevera acerca de quem fôra o seu chefe no Parque, ele, vendo-me em Campolide, mostrava-se aterrado. Dizia conhecer a força desses rapazes, dos que tinham penetrado noites a fio, por deshoras, nos Jeronimos, com as algibeiras atulhadas de bombas afim de guardarem o cadaver, sem o terror da treva, o fremito ao som do pio dos mochos e o lugubre daquele templo de mortos. Ele receava-os e não descia já à Brasileira, onde tinha sua mesa diaria nas tardes, tremendo de os vêr. Soceguei-o depois daquietar os outros. O fidalgo não vinha mais à superficie nas horas de combate. Então, ouviu-o de passagem dizer-me que esperava, senão uma fortuna ao menos um bocado de pão, confessou-me estar farto de misérias, e que mal recebesse o dinheiro iria, para um ermo, escrever, então, o seu grande livro no qual esmagaria os republicanos. Chamar-se-ia *A Herança do Bacalhóa*. Sorri; senti todo o seu desfoito, o odio que o levava a revoltar-se, contra a realeza a fusilar de novo, vendo falhar-lhe o premio cubicado por sua obra infecta a qual fôra, na verdade, demolidora do prestigio da monarchia. Punhal de venenos temperado, aguçadissimo na falsidade e na infamia, essa obra era ainda deveras para o pobre alucinado de gloria, a sua corôa, o seu brazão. Todos os rasgos heroicos dos seus avoengos na historia se sujavam pela pena do descendente, repellido, julgando-se invejado, detestado imaginando-se vítima

de rivalidades literarias, despresado por seus actos e acreditando que o era por suas ideias.

Pois este Antonio de Albuquerque acaba de se finar, numa quinta-rola de Colares, entre arrependimentos, repelindo o medico e querendo o padre, todo ligado ás crenças e tendo escrito uma carta á Senhora D. Amélia, ao que me dizem, na qual, confessando as suas mentiras, implorava o seu perdão, sentindo, naturalmente, já o terror cobarde dum outro mundo, no qual voltava a acreditar, se alguma vez deixou de o imaginar existente, apesar das suas afirmações nas mesas dos cafés em arrancos de heresias para a galeria dos convivas.

Curvado diante da morte, decerto não foi mentiroso como em vida ao solicitar esse esquecimento da sua culpa, ao desejar recebê-lo antes de acabar para o levar, como um alto consolo, para a região das trevas, para debaixo da terra desse cemiterio aldeão onde vai apodrecer aquele a quem chamavamos: «o rebento pôdre duma raça extincta».

Descendente duma familia velha como o proprio Portugal, ele era o simbolo da decadencia morbida duma raça que vinda da alucinação da valentia que a nobilitara entroncada no país, lôra descendo até esses terrores que parecem, por vezes, surgir tambem na coletividade.

De bem com Deus, pelas orações do padre, de bem consigo pelo perdão pedido, o auctor do *Marquez da Bacalhôa* perdeu o seu alcunha e foi para a sepultura como uma personagem desta grande tragedia politica, por ventura a mais malquista mas, nô fim, a mais de louvores impulsivamente desvairada pelo rumor de que tanto gostava à sua volta.

E sem esse respeito que se deve ter pelas ultimas vontades, haverá decerto ainda quem diga — tal era a desconfiança que inspirava — ter sido esse pedido de perdão a ultima ancia de renome despejado à sua cabeceira de moribundo, como um bom incenso, o derradeiro alarde do escrito falhado desse fidalgo dos Alardos de alardes descendente.

O Atlas do Vigario

As vozes da imprensa — Fantasias em volta das cartas do mundo — Dos planetas ás camoezas —
Cousas da instrução e instrulvas — O que presidiu á aquisição do Atlas

Quasi unanimemente a imprensa tem tocado á sua grande buzina de alarme em volta do que já se chama o Atlas do Escandalo ou a escandaleira do Atlas. Parece — ao que leio — serem falhos de autoridade scientifica os seus autores mas isso não tem importancia de maior desde que eles sejam bons democraticos. Diz-se que o resto do contracto — pois já existe um documento neste sentido — é uma autentica burla, porem nem porque lh'o gritam os jornais ele córa ou se desmancha. Acrescenta-se não estar ainda pronta a obra e que se vão dar enormes facilidades para ela se poder fazer com material isento de direitos, á sombra do que se podem mandar vir mais objectos a outros fins destinados, e, berra-se enfim, não passar duma verdadeira negociata esse Atlas, que, é a verdadeira montanha do vigario já por ser padre um dos seus colaboradores, já pelo que a imprensa propala.

Declara ignorar como se pode aprovar, para uso das escolas, uma cousa que se desconhece, não comprehende como sem estar pronto, impresso, encadernado com as suas cartas proporcionadas e coloridas, as modificações do mundo bem acentuadas, se contracta o seu uso para os estudantes. Os jornalistas barafustam, eu, porem, já fantasiei o Atlas. Realmente, com um pouco de imaginação, o Conselho Superior ou as frutas do misterio — como se sabe são as camoezas — algumas maçãs que presidem á nossa alimentação espirital, como no velho Egito um escaraveiho era Deus — podem conhecer o livro mesmo sem estar concluido. Tudo quanto se disser em contrario é apenas inveja, perseguição, atentado á republica, vontade de criar embaraços ao governo já tanto em silvas earedado.

Eu vejo-o em todas as edições, com o seu colorido, o seu contorno, o seu volume. E' o Atlas de que cariciamos; é o verdadeiro compendio, o necessario para a nossa elucidação. E' o Atlas do regimen. Não o detendendo, mas, ante o que a imprensa apresenta, vou explicá-lo.

A sua escala é de um por oitenta mil. Quer dizer: ganha-se em cada um oitenta mil réis; a sua encadernação é em pele antiga, há muito esfolada, a do autentico camelo contribuinte; os seus fechos são de segredo, que, como se sabe, é sempre a alma do negocio.

Vejâmos, agora, as suas cartas, os seus detalhes, os seus planisferios, toda a materia que o enche e o impõe como obra de autentico alcance.

A imprensa em Portugal nunca nos dá senão sombras; e preciso ressuscitá-las. Pelo que ela diz é que vai surgir aqui o Atlas. E' escandalo? Então reparem nas suas ilhas de dolo, nos seus promontorios de crime, nos seus mares de

lôdo, nas suas cordilheiras de males publicos, nas suas serras Morenas e Calábrias de assaltos, nos seus montes de crimes, nos seus cerros de espertezas, nos seus istmos de miserias, nos seus vales de falsificações, como alguns dos correios, nos seus lagos de suor do povo, nas suas bafas de veniagens, nos seus portos de sujidades, nos seus oceanos de notas sem valor. E os paizes? Tudo uma pouca vergonha sem fronteiras. As cidades, a burla; as vilas, a intrujice; as aldeias, o golpe nas bolsas. Até nas proprias cartas celestes se notam os mesmos sintomas.

Não haja duvida. E' assim, ou não se entende esse clamor dos jorna's.

Ali é que os planetas apresentam todos os seus simbolos. Jupiter é pai dos deuses do mal; Saturno a consubstanciação de todas as comedelas, até a dos proprios filhos; Neptuno a rêde para as pescas em aguas turvas; Urano, um autentico delapilador; Venus uma pestilencia; Marte a mão armada para o delitto Mercurio o seu velho trafico com mais a dos chamados lucros ilicitos e a Terra, o logar onde é permitido tudo isto e, ainda por cima, o contrapeso do Atlas do Vigario, como já agora se ficará chamando a este livro que eu só fantasio diante das acuações feitas à sua volta e perante a profissão dum dos seus autores.

Recordo, então, saudosamente, o Atlas da minha infancia, aquele por onde estudei com suas côres que não me esquecem e suas letras sinceras, ressaltadas no fundo azulino dos mapas mundos, no amarelo torrado da America, na côr de canario da Asia, no tom côr de rosa da Africa, no verde esmeralda da Europa, no ametistado da Oceania, no branco do polo sul, nos hemisferios docemente traçados nos quais estava todo o mundo. Imagino que o outro, o agora aceite, já negociado terá até côres diferentes para poderem tapar tudo quando se descreve acima diante dos brados jornalisticos. Se calhar é até um Atlas original, digno, sério, sem crédorez. Eu bem sei que se exagera muito nos jornais.

Por exemplo, de vez em quando, asseveram as gazetas que certas maçãs lalaram, disseram cousas acerca de democracia, e passo adiante deixando em paz essa fruta que tanto mal fez ao mundo e, ao que dizem certos periodistas, está continuando a sua obra na instrução em Portugal. Ora eu, sabedor, da historia de Eva tentadora, conhecendo como Adão foi ludibriado sempre desconfiei muito, e nunca comi maçãs. Já se vê que muito menos aceite a versão dos jornais acerca dos seus discursos. Tambem ignoro qual a especie que a mãe Eva usou para o seu maleficio. Dizem que foi a camoeza, a mesma que superintende na pasta por onde se trata o caso do Atlas e isso é muito mais alarmante. Não sei qual é das qualidades, em que aquella especie se subdivide, a senhora de todos os liceus, universidades, escolas — até das agrícolas — num cumulo, como se uma causa que precisa ser cultivada pudesse ensinar ou surperintender nos metodos da propria cultura. E' a camoeza de Coura? E' a de quina, é a parda, é a nova, é a rôxa? Não sei, conheço-a tanto como ao Atlas. As cousas do meu país vejo-as atravez do montão de folhas publicas que leio. Por vezes são enigmaticas mas se permitem e eu profundo e descubro as suas intenções como sucede agora. Na sua essencia, é isto: umas maçãs fazerem um contacto ruidoso, e de favoritismo, adquirindo um Atlas que deve ser como o que entrevi. E eu clamo: não pode ser: não é. Para que queriam as camoezas semelhante livro? Como é do dominio publico, nunca a fruta soube ler.

Roberto, aqui a meu lado, puxa-me pelo casaco, avisa-me e berra:

— Ignorante és tu!

Encarei o meu colaborador com pasmos, julgando-o já do partido democratico, doce corrompido por qualquer emprego nos pomares. Mas, não; fazia-me apenas um caridoso aviso ao abrir na minha frente um esplendido dicionario onde se demonstrava poder não ter sido uma maçã quem adquirira o Atlas do Vigario. Ha cousas do mesmo nome na fase popular. Ha mais Marias na terra, como soi dizer-se. Lá estava: *Camõesa: o mesmo que camoéca. Camoéca: embriaguez, torpor.*

O caso complicava-se. Pois se a tal aquisição do Atlas não é producto duma maçã começa a aparecer como fruto de outra cousa que usa o nome duma das suas especies. Mas, no fim de tudo, o Atlas existe? Ou não passou toda esta celeuma duma embriaguez disparatada?

Carta para o senhor conselheiro Bernardino

As ambições do conselheiro — Recordação duma noite de tiros — As tendencias para o grotesco — “Notas dum pai” e antropologia — O que vai acontecer em Portugal

Dizem-me que v. ex.^a reincide em querer ser presidente da república e eu pasmo, como um homem com 72 anos, feitos no ultimo março e detentor de outros tantos contos de renda, talhados numa roça dos Joanes, no Brasil, e num estabulo dos Dantas, em Paredes de Coura, ainda queira perturbar a sua vida, fazer disparar tiros, gerar rumores tudo isto por uma patria que não é a sua. Realmente é um grande sacrificio explicavel só pela contribuição que traz a candidatura à sua vaidade, ao seu grande desejo de exhibição, o qual vive na sua alma como uma tenia num ventre farto, bem provido, roendo e espevitando-se.

V. Ex.^a, nascido no Rio de Janeiro, aos 28 de março, confessado de brasileiro nas saudações a D. Pedro II, em Coimbra, com Gonçalves Crespo e outros escolares de alem mar, em 1872, isto quando já chegara aos 21 anos — a idade do serviço militar — foi considerado digno de ser alçado aos Conselhos da Corôa ocultando a sua nacionalidade com tanto cuidado como, mais tarde, desvendaria ao ministro Schroëtr mais português do que v. ex.^a. Assim se foi habituando a imaginar-se nosso compatriota para honrarias e extranho para as combinações mas, emfim, já que os seus eleitores o querem considerar nacional e o desejam em Belem, é justo que eu — português de lei, de lingua solta e previsões fatalmente a cumprirem-se — o acuze de que a sua chegada ao poder é o inicio da conspiração, que os tiros soarão de novo e de que o exilio o aguarda se acaso, na sua avançada idade, resistir a mais esse golpe: o da sua deposição.

Seria bom que, enquanto se encontra no aconchego desse palacete da Cruz Quebrada, diante do mar e ouvindo o batucar dos pésitos dos seus netos pelos corredores, relembresse bem certa noite regelada de dezembro, após uma lucta de dias, todos atoados de canhoneio e na qual três rapazes, ainda cobertos do pó do combate, foram cumprir junto de v. ex.^a, uma missão historica.

Eram o capitão Cameira e os tenentes Teófilo Duarte e Sá Guimarães.

lam da parte de Sidonio Paes, entregar-lhe a celebre carta na qual se mostrava a incompatibilidade de v. ex.^a com o país.

Como se devia ter abalado a sua vaidade. Que serie de transigencias v. ex.^a queria fazer, que de singulares rodeios v. ex.^a se serviu para se aguentar no poder?! Ainda me recorde de farrapos de frases suas repetidas pelos comissionados, no regresso ao Parque:

«—O Sidonio foi meu discipulo... Eu demito o governo... Digam-lhe que venha cá para combinarmos... O que quizer se fará.» E com o seu melhor sorriso, ante os vencedores: «Coitados, tão cansados».

Depois, no fim, quando, ao cabo de rasgar sete cartas, queria passar a outra sala, sem dar a resposta exigida e a mão de Teofilo Duarte o deteve...?! Recordar-se do seu gesto alucinado e desesperante! «Prendem, então, o presidente da república?» E as suas ameaças. «Cautela, olhem que estamos em guerra e as nações não reconhecerão outro presidente!» «Miguel, vê como duvidam de teu pai» concluia v. ex.^a, ao sentir que estava prisioneiro naquela noite gelida de dezembro na qual soavam os passos pesados das sentinelas. Depois as humilhações do seu orgulho, a captação que quiz fazer do official delegado dos revolucionarios, o conquista-lo com chavenas de chá, a historia do telefone occulto mas de campanha denunciante, o seu apelo para o embaixador do Brasil, e os dias decorrendo, enquanto nós deliravamos com a victoria e, no fim, o exilio, a morte de sua filha querida, os males de todos os seus, os pedidos de dinheiro dos que lhe faziam a côrte, as arremetidas dessa boémia republicana de além fronteiras e o ridiculo eterno—diante do qual a Europa gargalhou, apesar dos ribombos dos canhões de 48—da sua carta a Lloyd George e o descredito lançado por v. ex.^a e seus cumplices sobre o país? Mereceu-lhe, acaso, a pena? Sim; seja sincero, tem saudades do poder ao relembra-lo assim e com a expressão maxima das saudações, a frase das mulheres de Alcantara, ao verem-no rodeado de esquadrões: «Olha o Bernardino a fingir que é rei?!».

Bem sei que lhe apresentavam armas, que tocavam a *Portuguesa* à sua passagem, que visitou o *front* como um soberano aliado, gerando, por signal, um grande desdem no general inglês.

V. Ex.^a, esquecendo-se que a pontualidade era duplamente grata ao chefe do exercito, como militar e como britânico le-lo esperar uma longa hora e ele logo lhe demonstrou a incorrecção não o atendendo mais de alguns minutos.

Tudo isto lhe deve recordar e tambem as suas conversas com os soldados, os brados sinceros que um deles soltou. No fim o que recolheu v. ex.^a em ter sido presidente da república? Desesperos e desilusões.

E' que v. ex.^a—senhor conselheiro Bernardino Machado—não presidiu na realidade, à república. V. Ex.^a esteve em Belem como um estrangeiro usurpador e como delegado dum partido, por ventura do mais odiado, do mais criminoso, do que menos se coaduna com o seu feitio externo e decerto com a sua educação. V. Ex.^a baptisou os seus numerosos e bons filhos; levou-os à igreja, comungaram, quiz suas filhas casadas diante dos altares e o partido democratico cospe na religião; v. ex.^a é nós habitos um aristocrata, descendente dum barão que recorta no escudo sete machados, como um autentico fidalgo, e o partido democratico engeita a elegancia, a linha, as maneiras, os titulos e anda sebento mesmo quando lhe pagam bem; v. ex.^a adora o convivio

com as senhoras, ama as galanterias, como um homem de côrte, e ele intitula as damas de *canastras* e cola-lhes peores epitetos.

Então, porque singular acaso, v. ex.^a o antipoda dessa *clan*, lhe obedecia, a servia, a auxiliava, era o seu presidente contra nós todos, contra o país sensato, ordeiro, digno, religioso?

Pela vaidade de estar em Belem, chamarem-lhe *senhor presidente*, dar audiencias aos ministros estrangeiros e escutar a *Portuguesa*, do alto duma carruagem á Daumont e os gritos do mulhero bairrista a saudarem-no. «Olha o Bernardino a fingir que é rei?!»

Ora isto é, na realidade, pouco para um homem inteligente, é nada, porque é o comico, o picaro, o grotesco.

Bem sei que v. ex.^a sempre cultivou com persistencia o genero desde os «dias saudosos e perigosos da propaganda» — como diz o senhor Sá Pereira, seu patrono na eleição, quando beijava todos os pequenitos ranhosos dos sitios excetricos até o celebre quadro em que v. ex.^a, de braço dado com Jesus Cristo e de chapéu na mão, via passar uma teoria de bispos e de frades, num desenho de mau pintor, exposto nos Armazens Grandela; desde os vinte mil apertos de mão, com que lhe desengancharam os dedos, até a esses passeios pelas ruas, a pé, de chapéu alto branco, modelo principe de Galles, de 1870, o qual jamais finha um momento de socego na sua cabeça expelidora.

Expelidora, sim, excellencia. E' que ela parece atirar constantemente ao ar os seus chapéus. V. Ex.^a, professor de autropologia, deve saber a que raça brasilica pertencem os ancestros dessa especie de craneos. Talvez aos primitivos habitantes das grandes florestas e que tão bem imitavam os homens caricaturando-lhe os gestos. V. Ex.^a tem, por vezes confesse que é assim, o ar dum autentico descendente dessa familia zoologica. Mas não se apoquente; o país bem sabe, e até a linguagem popular, aquela que sendo clara e a mais justa, já o definiu. V. Ex.^a é o *Saricoté*.

Eu lhe explico a origem das palavras. Vem de saracotear, que quer dizer: fazer meneios, agitar-se, andar num saracote. Um presidente da república com tal agilidade é realmente o tipo que nos convêm para os grandes *raids* até à fronteira mas tambem — pobre de nós — é o que menos nos serve porque nos cobre de grotesco. E para que isto suceda — v. ex.^a é comico mesmo sob os tiros — teima em incomodar-nos, em querer ser eleito?

Quando v. ex.^a exercia em Belem estas extravagantes funções era eu o redactor dum jornal de combate que se chamava o *Liberal* e tinha fama de atrevido. Só porque me entretinha a desenhar v. ex.^a para os futuros terem alguma alegria — já advinhava os calamitosos tempos e ueria limar lhe os pesadelos — recolhi — excellentissimo candidato à presidencia da república e a novas definições jocosas — dezassete processos de imprensa, dezassete querelas, dezassete! Senti que me esperavam largos anos de cadeia, entrevi a sorte de Silvo Pellico porque os juizes estavam ás ordens da demagogia e Norton — antigo conspirador monarchico — segurava a sua espada que se devia atarrachar depois na vil banha da inercia.

Machado dos Santos chamou-me e eu — excellencia — fui um dos mais entusiastas dos conspiradores contra a demagogia de Afonso Costa e contra a permanencia no poder de Sua Excellencia, o *Saricoté*.

Aqui lho digo, aqui lho confesso. Trabalhei muito para o derrubar.

Os primeiros tiros escutei-os cheio de jubilo no cair da tarde, depois loucamente lhes quiz, no meio das noites, adorei-os no dealbar porque cada echo das detonações, cada novelo de fumo que via elevar-se, cada voz de comando que escutava era como se eu sentisse paralisar a sua agitação, o seu balanceamento, o seu eterno movimento de cabeça, o seu revolver de olhos sob as sobranceiras abigodadas, o seu saltitar de homem pequenino; era como se a fumarada o vestisse de seriedade para o ocultar, o levasse numa nuvem para sempre, para uma terra distante, onde, no goso de boa saúde, com fartos rendimentos e a família em volta, pudesse socegar dessa comica dança de S. Vito da vaidade e da exhibição a continuar as alegres *Notas dum Pai*.

Deu-se o que desejava o jornalista das dezassete querelas e quando o julgava quietinho lá fóra, a gargalhada que provocava na Europa despertou-o. Emfim, v. ex.^a, voltava com ares tragicos, atirava nos renuncias do cargo de que o tinhamos apeado a tiro, falava em pôr fora dos Jeronimos Sidonio assassinado, com a sua desculpa para o matador, e no fim, torvelinhando, piroteando, dançarinando o fanambulo resurgiu: desdenhava da posição, chamava à igreja, onde repousa o seu vencedor, a parquia a que pertencia, e, entre mais risadas v. ex.^a se sumiu como um prestigitador depois da função. Ante o seu desaparecimento esbocei um sorriso complacente. Disse comigo que seria a sua derradeira representação mas, ao que vejo, enganei-me. V. Ex.^a volta com 72 anos e outros tantos contos de renda; reaparece, faz beneficio no palco da politica sem receio do que vai suceder.

Naturalmente, dentro em pouco, começaram as diatribes; as bulhas, o desagregamento de amisades; o país excitar-se-ha de novo e enquanto as mulheres — elas detestam-no, senhor conselheiro — o apontarão a dedo: «olha o Bernardino o fingir que é rei — haverá muita gargalhada à sua passagem. Imaginará então, v. ex.^a que o aplaudem e continuará como se julgasse verdadeiras multidões as sombras dos seus braços cumprimentá-las-ha e continuará a servir o partido democratico. Pretenderá ouvir palmas e soarão imprecações e só dará, como da outra vez, pelo insucesso quando escutar os tiros, senhor conselheiro, que são a sua pateada.

Eis o que lhe agoura o jornalista que tanto o tem desenhado, recebendo por pagamento as querelas mais mentirosas que é possivel imaginar. Acusavam-me de insultos ao chefe de estado.

Senhor conselheiro, eu nunca o insultei.

Fotografei-o apenas.

O Salustianismo

Uma proposta do Congresso radical — As atribuições dos republicanos — Como se escreve torto para se chegar ao direito — A confusão das pessoas — A scisão do R. R.

Em vespera de Camões, e no liceu que tem o nome do épico, realisou-se o Congresso do partido radical ao qual pertence cento e meio de pessoas conforme se lê nos extractos das gazetas. São poucos mas bons os radicais ao que parece e segundo se comprova com certa moção cujo, autor modestamente usa o pseudonimo de Salustiano, que pertence de direito a certo comico do cinema.

Salustiano deseja em sua moção:

— Sejam proibidas todas as publicações de character monarchico ou outras atentatorias do prestigio da republica.

Depreende-se desta maneira de conceber o radicalismo que Salustiano começou por absolutista, sobretudo em maneira de falta de senso, no que tira a prova real quando deseja, em segundo logar:

— Proibição a todos os elementos monarchicos de intervirem em politica republicana.

Seria curioso analisar todo o passado de Salustiano, saber qual o seu verdadeiro nome, te-lo aqui bem revelado em suas idéas, modas e antigas opiniões. Salustiano, que dizem ser da tropa, naturalmente é um dos herois do 5 d'outubro encoberto naquele singularissimo disfarce de nome exotico; decerto foi um dos que se bateu contra os soldados realistas e, pertencendo ao exercito, jámais jurou fidelidade ao velho regimen. Salustiano é o filho da revolução francesa e nasceu com um barrete frigio ou então é muito mais republicano do que tudo isto e por principios que dão a mesma volta: é adhesivo.

Quer tambem este prócere «a proibição absoluta» — cá está o radicalismo — de centros, clubs ou antros de character e reuniões monarchicas.

Sempre da maxima tolerancia republicana, como se vê, o magico proponente lançando a ideia de que os monarchicos se reúnem em antros, imaginando-os em igualdade de processos com os seus correligionarios.

Vai longe, imensamente longe, o resto das aspirações do singular demagogo. Pura e simplesmente impõe:

— Destituição de todos os monarchicos dos cargos publicos da re-

publica passando á situação onde não possam exercer actividade alguma nos serviços.

Se destitue os monarchicos dos logares que eles occupam — isto no caso que alguns sirvam o regimen — o que duvido, pois já de ha muito foram substituidos pelos salustianistas — torna-os desde logo inactivos. Mas ele quiere ir mais alem. Para que não exercessem, ainda assim, actividade, seria melhor suprimi-los.

Não ha como uma pessoa ser dum radicalismo integral, um ser incorruptivel, um homem de principios como decerto é este admiravel chefe politico tão infelizmente occulto sob o pseudonimo, que é pena ser celebrado pelo autentico personagem cinematografico. É como é bem da gema, bem de dentro, bem de nascimento um radical, tão livre que nem decerto trazia, ao vir a este mundo, o cordão umbilical, ele vai ao extremo e incita em sua moção para:

— Retirar da efectividade do serviço e comando de unidades ou incorporados em qualquer unidade e estabelecimentos militares, todos os officiaes monarchicos e bem assim aqueles que manifestem tendencias para uma neutralidade considerada perigosa para a defesa do regimen republicano que falsamente juraram defender.

Isto de neutralidade perigosa deve ser uma idéa profundamente radical. Se, por exemplo, um official cumpre o seu dever não se fiando em partidos e servindo apenas a nação, se ao contrario de Salustiano — que me dizem da tropa — se recolhe ao estudo dos seus livros militares, ás suas obrigações de quartel, aos seus encargos profissionais naturalmente será considerado perigoso e desde logo obrigado a andar de porta em porta a dizer asneiras, nuns arrancos tão sentidos como o daquele militar que bradava em côrtes:

— « Senhor presidente, eu, na defesa da republica, não sou um leão, senhor presidente, sou uma leão porque esta é muito mais feroz a proteger os seus filhinhos. . . Senhor presidente, — acrescentou ainda á demonstrar suas qualidades e seus martirios: « eu quando estive preso por ser um grande republicano de sempre, escutei os monarchicos a insultarem-me nas grades da cadeia, chamando-me bandido, miseravel e outras estrofes semelhantes. . . Depois das estrofes, acabava extenuado tendo ainda nos olhos a visão dos rostos feros e nos ouvidos os brados «duma turba de cães que estava cá fóra a latejar».

Como não se póde negar a grande fé de quem assim falou, seu apego ao regimen e sua atitude rija, naturalmente Salustiano quer abitolar todos os seus camaradas por este padrão, tirando-lhes a neutralidade como quem saca dentes.

Tais são as ideias largas deste radical, que, no fim de tudo, não passa dum grande inimigo da republica. Senão vejamos o que ele assaca ao seu ideal « Nada menos que a existencia de funcionarios civis e militares republicanos que mantem relações comerciais com casas bancarias e de negocios».

Não se comprehende, pois, tanta furia contra os monarchicos, quando no fundo, se eles gritam, clamam, barafustam, increpam a republica, é, naturalmente, pelo mesmo motivo que Salustiano, ao dar por semelhantes pôdres.

O quê?! Pois é possivel que Salustiano, o radical, esteja de acôrdo comigo, tratado decerto, pelo seu criterio de reaccionario imperitente? Então não era uma fabula, nem alarme de panfletario, um dislate, uma vontade

de demolir aquilo, eu aqui afirmava? Salustiano o assevera, o grita, o proclama. Vá de fusilar Salustiano, pela lei de Salustiano, vá de o demolir por contrario ao bom nome da republica, sendo official do exercito.

No fim de tudo, o nosso caminho, se não é o mesmo, vai dar ao mesmo fim, com a diferença que eu grito as verdades e Salustiano, para as proclamar, arranja rodeios.

Felizmente que houve quem o salvasse, quem não quizesse aceitar para a lei basica do partido as suas grandes aspirações, salvando-o assim de se enforcar na sua propria corda, tão cuidadosamente tecida para os pescoços alheios. Os correligionarios apodaram-no de pouco liberal, segundo lia nos extratos das sessões do partido R. R.—o mais mexilhão de todos os nucleos da republica, incluindo o P. R. P. e por consequencia puzeram-no fóra de combate. Naturalmente dar-se-ha uma scisão no grupo dos cento e cincoenta radicais, que querem, por força, salvar a patria e a republica, e Salustiano tomará a chelia de si mesmo, indo fundar, com o seu prestigio, um partido de que se ouvirá falar estrondosamente: o *Salustianismo*, aquele em que os principios são tão puros, que, pedindo-se a demolição dos monarchicos, no fim de contas, o que se quer é a expulsão dos funcionarios republicanos com relações commerciaes e com casas bancarias.

E' pena este Salustiano, no fim de contas, não passar dum pseudonymo.

De baixo para cima ou de pernas para o ar?

O verdadeiro significado da frase — Como é e
como será — Um estadista que não vê o futuro
— Como fugiria se o visse — As sínteses pe-
rigosas

Não ha duvida que isto vai-se arranjando de baixo para cima. O senhor Afonso Costa o disse e o país o tem largamente sentido.

Pois é assim mesmo, de *baixo para cima*. O que se chama todas as baixesas. E' neste sentido que o hospede fugaz da serra da Estrela entende certamente a sua frase. E' a baixesa do demagogo de hontem a berrar contra os ricos e hoje metido de gorra com eles em todos os negocios chorudos. De baixo para cima; do bacalhau a pataco para o bacalhau a dez mil reis. E' a baixesa de se sentir os menos inteligentes a os meus honestos impelidos de baixo para cima. E' até mesmo o desdem que os extremistas republicanos tem por quem se revolta contra as plutocracias pois delas esperam ir de baixo para cima.

Emquanto estavam em baixo, isto é de casacos coçados, botas rotas, barbas por fazer, peores do que mendigos porque se preparavam para ser corruptos, tudo eram anciedades de demolir e de derrubar; a monarchia era para eles a defesa dos grandes e queriam a egualdade diziam-no nos comícios, lisongeando os de baixo: a si proprios por consequencia. Hoje, como estão de cima, empregados sem terem aptidões para os cargos, como são ministros, deputados, chefes de repartição até alguns, não sendo nada, tudo recebem, já clamam contra a malta que deseja o cumprimento das suas promessas e não ha companhia poderosa, banco, moagem ou negociante de maus processos que não os tenha por caixeiros, agentes, defensores. E' a gente de baixo encaminhando-se para o alto; é a turba radicalear sem principios, incapaz de compreender até o que significa a palavra república, instalada na existencia, o maltrapilho de hontem tornado no janota cheio de ridiculo de hoje, vindo de baixo para cima não por uma ideia, porque a intelligencia o conduzisse ou porque a sua capacidade se notasse mas simplesmente porque uivou com os lobos.

E' este o de baixo para cima o que o senhor Costa — esse senhor Costa que para aí está, como diz o senhor João Chagas — vê na sua

sinfese. Desgraçadamente não é na propria razão dos termos que a podemos entender porque na hora em que realmente fosse de baixo para cima que se caminhasse quem hoje rejubila pela propria ascensão seria dos primeiros a sofrer o choque.

O que imagina o antigo chefe demagogico ser debaixo para cima?

E' uma multidão que uns homens da classe media conduzem contra os grandes privilegios, cada vez maiores e mais irritantes, engordados á custa do que se convencionou chamar republica. A revolução franceza, ao demolir a nobresa, creou a burguesia, formada pelo bandô sequioso e esfaimado dos jacobinos, o qual se instalou, explorando o povo, os homens de estudo.

O feudalismo, existe, é isto e o senhor Afonso Costa serve-o, sempre o serviu, é o seu homem. Ancioso de ganhos, de lucros, de bem-estar, esse gritador, a que se convencionou chamar politico, demoliu apenas as cousas abstractas, ou antes, fingiu apenas revoltar-se contra elas. Increpava Deus que não o escutava, porque o reserva para as provações, falava de destruir a religião, armava com esse pretexto ás aclamações da populaça, mas garantia as cousas terriveis, ferozes, ignobeis, os dominios dos grandes argentarios, acochava-se deante das poderosas empresas, disfarçava-as nas dobras da sua toga, e como se apresentava feito um perseguidor de frades, não se dava pela sua protecção aos libusteiros da finança. Enganava a turba ingenua, revolvendo os olhos e trinotroando, querendo esmagar o papa, porque não estava ao seu serviço, ou não recebera indicações para um acordo em que pudesse levar grandes honorarios.

De baixo para cima?! Desditoso senhor Afonso Costa no dia em que isso se der—e fatalmente se dará, só os ignorantes da historia imaginam o contrario—porque será a sua ultima hora de felicidade e talvez de vida.

A sua popularidade esgotou-se, as suas afirmações dos tablados comiceiros, das quais se fizeram bombas, não tem já o menor eco, porque as abafou nas transigencias, nos negocios, no servilismo dos feudais do grande ganho.

De baixo para cima, sim, mas no sentido que na realidade se lhe deve dar, isto é, de pernas para o ar, está certo; mas no que julgarão ainda alguns ingenuos, não, porque nem o senhor Afonso Costa não estaria mais um minuto em terra portuguesa. Se ele visse o povo a subir a Serra da Estrela, atirava-se direitinho a Espanha, correndo de cima para baixo. Mas ainda é cedo. Por enquanto o de baixo para cima é apenas o simbolo das leis mas de ontem encavalados nos automoveis do escandalo.

